

## A Resignificação das Unidades de Conservação na Sociedade *Beckeniana* de Risco

Rita de Cássia B. Martins e Paulo Sergio de Sena.

Faculdades Integradas Teresa Dávila – Lorena, SP – Curso de Ciências Biológicas  
daylogia@yahoo.com.br

### Introdução

Sob forma de Unidades de Conservação legalmente constituídas, as nações desenvolveram um modelo de proteção real e formal para as paisagens e os recursos naturais do planeta. No entanto, a proliferação de “Unidades de Conservação de Papel” (áreas protegidas legalmente constituídas, mas que não foram realmente implantadas) incorpora um tipo de investimento ambiental que superestima os benefícios que podem ser obtidos pelo uso sustentável desses recursos, gerando uma pseudo-expectativa sócio-antropológica, que exclui o homem do processo, mas resignifica os recursos naturais e a paisagem como elementos sociais e antropológicos indispensáveis para a manutenção da produção material do mundo globalizado. (IANNI, 2001; TERBORGH *et al*, 2002) ULRICH BECK (1998), em sua obra *La Sociedad del Riesgo*, apresentou um mundo globalizado gerado por uma modernidade avançada, onde a produção social de riquezas vinha acompanhada sistematicamente por uma produção social de riscos. Estes riscos seriam as formas sistemáticas de lidar com os perigos e as inseguranças induzidas e introduzidas pelos processos de modernização produtiva. As Unidades de Conservação tidas como de papel, apesar de constituídas legalmente, são consideradas, para este trabalho, como aquelas que não atendem ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação que estão proibidas de desenvolver quaisquer atividades antes da aprovação do plano de manejo, exceto às destinadas à sua proteção e fiscalização. Este trabalho quer ampliar a leitura *Beckeniana* da sociedade atual introduzindo a questão da produção de “Unidade de Conservação de Papel” como uma produção social de risco dos processos de modernização produtiva. A hipótese norteadora defendeu que a “produção virtual (somente no papel)” de Unidades de Conservação é uma produção social de risco que surgiu da modernidade produtiva da atual globalização, principalmente em seu conteúdo mercadológico e de responsabilidade sócio-ambiental.

### Material e Métodos

Para a compreensão do Sociedade *Beckeniana*, quanto à produção social de riquezas, foram tomadas as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre os Indicadores Conjunturais da Economia, no Brasil, em 2004-2005 = Bens de Capital; de Intermediários; de Consumo; de Duráveis; de Semi-duráveis e Não Duráveis; Indústria em Geral. Quanto ao índice de Unidades de Conservação que foram legalmente constituídas, mas que não foram realmente implantadas, foram utilizados as informações do Ministério do Meio Ambiente sobre a situação dos planos de manejo das Unidades, no âmbito federal.

### Resultados e Discussão

O Brasil apresentou no período entre 2004-2005 índices de produção social de riquezas da ordem de: Bens de Capital = 10,9%; Bens de Intermediários = 5,9%; Bens de Consumo = 8,3%; Bens de Duráveis = 19,1%; Bens de Semi-duráveis e Não Duráveis = 5,7%; Indústria em Geral = 7,2%. Esses índices nunca foram alcançados antes, mostrando um crescimento muito significativo das riquezas do país, ratificando a produção social de riquezas implementadas pelo modelo econômico-social adotado pelo governo, nas últimas décadas. Quanto à existência de um plano de manejo que garanta a proteção adequada das Unidades de Conservação Brasileiras, as informações do Ministério do Meio Ambiente apresentaram 682 Unidades de Conservação que foram classificadas como: com planos de manejo elaborados = 56 (8,21%); com planos de manejo em elaboração = 20 (2,93%); sem planos de manejo = 518 (75,96%); sem informações = 88 (12,9%). A criação de Unidades de Conservação para promover a proteção e o manejo adequado das paisagens e dos recursos naturais constitui uma das iniciativas da denominada responsabilidade Sócio-ambiental do processo econômico-produtivo da modernidade. No entanto, esse tipo de responsabilidade diante de um quadro com 75,96% das Unidades de Conservação Federais sem planos de manejo fica comprometido, dando margem para acrescer essa situação como um risco sócio-ambiental que incrementa o risco de perda de recursos naturais citado por BECK (1998).

### Conclusões

O problema apresentado por este trabalho esteve centrado na produção de riscos que acompanha a produção de riquezas, advindos do modelo de desenvolvimento adotado para a sociedade moderna.

Para tanto, estamos referenciados pelo modelo de *Sociedade de Risco* de Ulrich Beck (1998). A hipótese de que a “produção virtual” de Unidades de Conservação é uma produção social de risco que surgiu da modernidade produtiva da globalização, se sustentou, visto que os processos, relativamente rápidos, de criação de Unidades de Conservação, ratificaram, de certa forma a velocidade de produção material do modelo produtivo. No entanto, foi necessário resignificar esse processo de criação, uma vez que houve uma certa morosidade no sentido de tirar essas Unidades de Conservação do Papel e torná-las mais eficientes, respondendo de forma adequada a partir de um plano de manejo para seus recursos naturais e de administração. Pensar as Unidades de Conservação sem planos de manejo é o mesmo que pensar em um desenvolvimento sem a preocupação com as áreas protegidas, sem responsabilidade sócio-ambiental, visto que qualquer projeto de proteção da área sempre irá esbarrar em conflitos biológicos, sociológicos e antropológicos que envolvem a conservação. Assim, as Unidades de Conservação estão se resignificando como riscos sociais produzidos a partir de uma produção social de riquezas implementada pela modernização produtiva de uma modernidade avançada, como diria Ulrich Beck. Mais grave é a concentração das riquezas, ditas sociais e a democratização dos riscos, principalmente para os atores produtivos menos favorecidos pela riqueza que são atingidos mais de perto pela falta de paisagem e recursos naturais.

### **Referências Bibliográficas**

BECK, U. *La Sociedad del Riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós, 1998.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

IANNI, O. *A era do globalismo*, 5ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TERBORGH, J. *et al.* (Orgs.) *Tornando os Parques Eficientes: Estratégias para a conservação da natureza nos trópicos*. Curitiba: Ed. da UFPR/Fundação O Boticário, 2002.